

ANTONIO CARLOS PEREIRA

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia **Escola de mágicos**

Governar o Brasil é fácil, dizia um ex-otimista cerca de um ano atrás. E, um ano atrás, realmente era. Era tão fácil que as decisões fáceis podiam ser postergadas e as difíceis comportavam adiamento até que se alcançasse o consenso. Não era preciso fazer mais que aperfeiçoar o plano. O tempo, no entanto — como diria outro ex-otimista —, é senhor da razão. A vida de um país — sobretudo um país onde as principais decisões de governo são tomadas visando salvar o setor público arruinado, mesmo que isso arraste na queda parcelas saudavelmente majoritárias do setor privado — não pode ser resumida a mera projeção matricial. Há variáveis demais em jogo e, se o governo não é capaz de detectar suas oscilações e de operar em sintonia fina, corre o risco de criar um fosso cada vez mais largo entre o que planeja e o que executa.

Esse, aliás, é o problema de muitos governantes. Tão logo se elegem, ou se instalam, convocam magotes de planejadores para ajudá-los a montar o governo. A nata dessas equipes vai depois para o primeiro escalão. Como são planejadores, continuam planejando. Não sendo operadores, não operam. E, assim, idéias, intenções e planos da melhor qualidade se transformam em decepção amarga, por falta de quem transforme algumas palavras em obra, por carência de quem faça de um conceito coisa concreta, produtiva, que beneficie o público.

No mundo ideal da política, esse problema não existe. O que sucede a uma idéia é outra idéia, decorrente ou mais engenhosa, num encadeamento quase sem fim. No mundo real da política, a coisa é outra. A cada idéia se segue um fato concreto pelo qual se julgará a idéia. Isso porque a melhor das teorias, manejada desastrosamente, pode se transformar no pior dos desastres. Governar, afinal, é como fazer mágica em festa de criança: nem sempre sai do fundo da cartola o que se espera ou deseja.

■ Em um programa de televisão, o deputado Delfim Netto disse ser favorável ao projeto de renda mínima do senador Suplicy. Quem não é favorável, diz o deputado, é o governo. O projeto passou pelo Senado e está engavetado na Câmara, o que

acontece, segundo Delfim Netto, porque é o que o Planalto quer. Segundo o ex-ministro da Fazenda, o projeto de renda mínima acabaria com todas as preocupações do governo com a área social. Todos, absolutamente todos os programas sociais seriam extintos, para dar lugar à complementação direta da renda das famílias carentes. Demolir essa estrutura? Jamais, imagina o deputado.

Horas depois, o presidente reúne seus conselheiros, insatisfeito que estava com o andamento do programa social — ou era com as críticas que se faziam a ele? —, e decide criar um secretariado para a também recém-criada Câmara Setorial de Políticas Sociais. Amplia-se o círculo de poder em torno da pobreza nacional. A cartola que deveria despejar dignidade e pão expeliu cargos para uns coelhos gordos.

■ O plano era não socorrer ninguém em dificuldades. Dinheiro público não sustentaria administrador desonesto ou incompetente. Só no setor financeiro, o adjutório já ultrapassa os R\$ 40 bilhões e ninguém tem coragem de dizer que a fonte secou. Até porque continua jorrando: para cobrir seus prejuízos, o Banco do Brasil lançou uma subscrição de ações a preços irrealistas, que acabará absorvida pelo Tesouro.

O sistema financeiro está salvo e sólido. O problema é o custo dessas opera-

ções e o fato de que cobriram alguns rombos provocados por ações criminosas. Quem se deu ao trabalho de fazer a conta diz que seria mais barato reembolsar integralmente cada depositante e fechar os bancos quebrados, agora sob nova direção. A cartola, mais uma vez, produziu coelhos gordos. Os R\$ 40 bilhões serão pagos mais tarde, pela garotada que se encanta com o mágico.

■ Finalmente, o governo conseguiu reunir pouco mais de 400 deputados, numa Câmara de 518. É maioria folgada, exceto para aprovar matéria de interesse do governo. No primeiro teste, o governo não conseguiu maioria para aprovar a emenda do ensino básico e derrotou manobra da oposição por apenas três votos.

Desta vez, o aprendiz de mágico alimentou os coelhos que estavam dentro da cartola. Alguns estão tão gordos que dela não sairão.



■ Antonio Carlos Pereira é editorialista do "Estado"

A cartola que deveria despejar dignidade e pão expeliu cargos para alguns coelhos gordos